

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
LUDMILA RIBEIRO DE OLIVEIRA

As Três Marias, Rachel de Queiroz: Maria Augusta, a questão feminina do
modernismo à contemporaneidade

Brasília

2018

LUDMILA RIBEIRO DE OLIVEIRA

As Três Marias, Rachel de Queiroz: Maria Augusta, a questão feminina do
modernismo à contemporaneidade

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria
Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade
de Brasília como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Letras – Língua Portuguesa.

Orientado por: Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Barbosa.

Brasília

2018

Agradecimentos

Agradeço aos meu pais, Ielda e Davi, que com afeto e muita dedicação me guiaram por bons caminhos em busca de meus sonhos, muitas vezes renunciando aos próprios para colocar os sonhos dos filhos em primeiro lugar. Aos meus irmãos, Igor e Érica, e meu namorado, Caio, por serem tão companheiros, compreensivos e prestativos, me ajudando sempre a seguir em frente nesse longo caminho que escolhi.

A minha orientadora, Professora Doutora Adriana de Fátima Barbosa, que com suas sugestões e orientações essenciais me ajudou a construir esta monografia. Além de fazer parte do conhecimento que construí ao longo do curso de Letras sendo uma excelente professora.

E por fim, um agradecimento especial a todas as mulheres que fizeram parte da minha vida, de forma permanente ou passageira, que me ajudaram a sobreviver e viver neste mundo em que precisamos ser fortes e lutar para ter nossa voz ouvida. Além de todas as mulheres que não conheci, mas que se levantam todos os dias para lutarem por seus sonhos e seu espaço.

[...]

MULHER

Juventude, intensidade e esperança

Sonha sonhos impossíveis

Ou possíveis, por que não?

Teu brilho vai além

Luta,

Acredita, grita,

Milita

MULHER

Profissional, não é Amélia

Nem também Iolanda

É Maria, Marias na sua real grandeza

Executiva,

Camponesa, professora

Médica, enfermeira

Gari, padeira,

Engenheira,

Caminhoneira, jornalista

E tantas mais!

És única, és especial,

És mulher

[...]

MULHERES

São todas

Marias, Amélias

Marinas, Vitóriaas

Silvas

Eu, você

Guerreiras,

O mundo precisa da tua força

Da essência que carregas

És linda

Mulherão, nota 10

Carrega no peito

A dádiva

De ser simplesmente

MULHER.”

(Cledineia Carvalho Santos)

Resumo

O século XX foi uma época de grandes transformações para o Brasil. As mudanças políticas, econômicas e sociais do país foram consequências do desenvolvimento industrial e comercial que estavam ganhando cada vez mais espaço no país. Foi nesse cenário de “caos” e reorganização social que a modernidade ia ganhando seu espaço, os movimentos artísticos da época buscavam problematizar a antiga organização social em busca de uma nova, organização esta que pretendia dar protagonismo aos que antes eram marginalizados ou esquecidos. Uma sociedade de organização patriarcal, como era o Brasil da época, que educava mulheres para serem donas de casa e mães de famílias, sempre submissas aos seus maridos, se via em uma “revolução”, onde a mulher quer passar a ser protagonista de sua própria história, sem necessariamente viver à sombra de um homem. É nessa busca por sua independência que a mulher brasileira começa a se questionar sobre, e continua descobrindo, qual é o seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Mulher. Feminismo. Modernismo. Geração de 30. Rachel de Queiroz.

Abstract

The 20th century was a time of great changes for Brazil. The country's political, economic and social changes were consequences of the manufacturing and commercial development which were gaining more space in the country. It was in this "chaos" and social reorganization scene where modernity was gaining its space, the artistic movements of that time sought to problematize the ancient social organization searching for a new one, one that intended to give the spotlight to those who were marginalized or forgotten before. A patriarchal organization society, as was Brazil at that time, that educated women to be housewives and matrons, always submissive to their husbands, was caught in a "revolution", where the woman wants to star their own story without necessarily living in the shadow of a man. It is in this quest for their independence that the Brazilian woman starts questioning about, and keeps finding out, what's her role in society.

Keywords: Woman. Feminism. Modernism. 30's Generation. Rachel de Queiroz.

Sumário

1. Introdução.....	8
2. Capítulo I.....	9
2.1. A narrativa em <i>As Três Marias</i>	9
2.2. As personagens em <i>As Três Marias</i>	11
3. Capítulo II.....	12
3.1. A segunda geração modernista.....	12
3.2. O Romance de 30.....	14
3.3. Rachel de Queiroz e a voz feminina do Romance de 30.....	16
4. Capítulo III.....	18
4.1. O Feminino em <i>As Três Marias</i>	18
4.2. Maria Augusta, mulher contemporânea.....	23
5. Considerações Finais.....	27
6. Referências Bibliográficas.....	29

1. Introdução

O século XXI trouxe uma nova ordem global, devido a globalização. Neste século as transformações acontecem de forma contínua e rapidamente, uma dessas transformações, da qual este estudo trata, é a questão feminina na sociedade.

A questão social feminina já existia, e sofreu mudanças, muito antes do século XXI, porém ela se tornou mais evidente e muito mais forte a partir da metade do século XX se estendendo até os dias atuais.

Tomando a obra modernista *As Três Marias*, de Rachel de Queiroz, como ponto de partida, este estudo tratará das mudanças graduais que a figura feminina sofreu na sociedade.

Ao caracterizar o Romance de 30, a construção social a respeito da condição da mulher da mesma década, além da construção psicológica das personagens de Queiroz, tem-se, na literatura, o reflexo da mulher de 30 além visão vanguardista da autora acerca do papel social da mulher.

E, ao trazer essa análise para o mundo atual do século XXI, quais serão as diferenças e semelhanças da mulher através dos séculos? Como a obra de Rachel de Queiroz, considerando todas as reflexões acerca da questão feminina que estão inseridas em sua obra, afetou e afeta o espaço que a mulher ocupa na sociedade.

2. Capítulo I

2.1. A narrativa em *As três Marias*.

A obra de Rachel de Queiroz, *As três Marias*, é narrada em primeira pessoa. A história se passa, primeiramente e em sua maior parte, em um internato feminino e de orientação católica, para onde a narradora-protagonista, Maria Augusta (Guta), foi enviada pela família. É no internato que Guta conhece suas amigas, Maria da Glória e Maria José.

O livro conta a história das três amigas, desde sua infância, por volta dos 12 anos de idade, época em que o pai e madrasta de Maria Augusta a deixam no internato, até sua fase adulta, onde cada uma traça um caminho diferente, porém, a diferença entre os caminhos seguidos não faz com que a amizade seja afetada.

Observando o tempo verbal predominantemente empregado é possível perceber que a narração é feita posteriormente aos fatos narrados, ou seja, vemos uma Guta mais velha contando parte de sua infância até o início de sua vida adulta.

Minha gente morava no sertão, no Cariri. Por causa disso eu só passava em casa as férias grandes; o resto do ano tirava-o todo no colégio: Semana Santa, São João, tudo.

[...]

Cada menina se agarrava aos seus cadernos, levava os dias passeando pelo recreio [...] (QUEIROZ, 1939, p. 20-22)

O romance, em sua maior parte, é contado em tempo cronológico, ou seja, traz uma linearidade para a narrativa que começa no momento que Maria Augusta chega ao internato e termina com sua volta para casa. Apesar dessa linearidade, é possível perceber, em alguns momentos, *flashbacks* da infância de Maria Augusta anterior à sua chegada ao orfanato, como as memórias de Maria Augusta com sua falecida mãe, trazendo assim pequenos momentos de um tempo psicológico da personagem, o que dá um tom memorialístico a obra.

Recordo também uma vez que mamãe me bateu. Que teria eu feito de ruim nesse dia, mentira, má-criação, judiação com bicho? Creio que tinha agarrado o cachorrinho dela, o Fantoche, e saíra arrastando o coitado pelo rabo, através da casa toda. (QUEIROZ, 1939, p. 27)

Maria Augusta e sua família vem do sertão do Cariri, e ainda jovem ela é enviada para o internato que fica em Fortaleza. Além do sertão e do internato,

parte da história se passa no Rio de Janeiro, onde Guta decide passar férias, após alguns acontecimentos importantes em sua vida.

O internato, que é onde se passa a maior parte da história, é retratado como um local extremamente religioso, de ambiente muito agradável e até propício para se desenvolver afetividade, como a amizade que acontece entre as três meninas.

Na parede caiada se desenhava, enorme, o emblema azul da Virgem Maria. Ao centro do pátio ficava o caramanchão cheiroso do jasmineiro e dentro dele, no fresco e no sombrio do verde, a imagem de uma moça de vestido branco e pés nus – uma Nossa Senhora bonita e triste. (QUEIROZ, 1939, p. 8)

Mas, é também um ambiente afastado do mundo, onde as meninas que lá estão não vivem a realidade do mundo fora de seus muros, elas são apenas educadas para o casamento ou, quando órfãs, para o serviço doméstico, mostrando assim a divisão sociocultural que se fazia entre as crianças.

O colégio era grande como uma cidadela, todo fechado em muros altos. Por dentro, pátios quadrados, varandas brancas entre pitangueiras, numa quietude mourisca de claustro.

[...]

E além, rodeando outros pátios, abrigando outras vidas antípodas, lá estavam as casas do orfanato, onde meninas silenciosas, vestidas de xadrez humilde, aprendiam a trabalhar, a coser, a tecer as rendas de enxovais de noiva que nós vestiríamos mais tarde, a bordar camisinhas dos filhos que nós teríamos, porque elas eram as pobres do mundo e aprendiam justamente a viver e a penar como pobres. (QUEIROZ, 1939, p. 14-15)

Após se formar no colégio, Guta, volta para a casa de sua família no sertão, porém pouco tempo depois ela passa em um concurso de datilógrafa e vai morar em Fortaleza na casa de sua amiga, Maria José. Para a personagem esta ida para Fortaleza representava sua liberdade, afinal no internato ela não tinha convívio com o mundo para além daqueles muros.

Já o Rio de Janeiro, além de reforçar a liberdade que Maria Augusta alcançara, mostra uma visão romântica da vida de Guta, que por vezes, em sua infância, demonstrou curiosidade acerca do assunto, mas é somente neste cenário que ela mostra estar verdadeiramente apaixonada pela primeira vez, por um rapaz chamado Isaac.

[...] fui centralizando minhas preferências em torno de Isaac, e ele acabou resumindo para mim todo o interesse da cidade, da manhã que começava, do meio-dia-luminoso, das noites que vagávamos a sós, desconhecidos e felizes, por entre ruas, praças e árvores que para nós não tinham nomes. (QUEIROZ, 1939, p. 86)

Por fim o sertão, lugar de nascença da personagem, lugar este que ela tem apego muito grande, porém no início de sua jornada ela não quer ficar lá, pois acredita que pode fazer muito mais de sua vida. Sempre ao se referir a sua cidade natal a personagem o faz com carinho e por vezes saudade.

O sertão do Cariri é, provavelmente, o cenário mais importante da história, pois a partir da relação da personagem com sua cidade natal é que vemos muito claramente seu amadurecimento psicológico, desde de sua juventude em que a personagem demonstra sede de conhecer o mundo e, portanto, não permanecer no sertão, até sua fase mais adulta quando se refere ao seu sertão de forma saudosa, e por fim quando escolhe encerrar sua jornada voltando para sua família que vive no Cariri.

2.2. As personagens em *As Três Marias*.

A narração, que acontece num espaço de tempo de oito anos, apesar de ser protagonizada por Maria Augusta, não relata apenas sua história, mas também a de suas duas melhores amigas Maria José e Maria da Glória. Guta conta não só como se conheceram, mas também a luta que travaram em suas vidas pós-internato em busca de suas identidades.

A primeira amiga que Guta faz no internato é Maria José, esta é uma menina que vem de uma família de pais separados. Ela e o irmão mais novo moram com a mãe, e na família não existe uma presença paterna, pois este escolheu largar a esposa para viver com outra mulher. Em seu tempo no internato a Maria José já demonstrou muita proximidade com algumas freiras, chegando a considera-las amigas.

Logo que chega ao internato Maria Augusta já é apresentada a Maria da Glória, uma menina mais velha que é uma órfã de pai e mãe. Sua mãe morreu ao lhe dar à luz, deixando o pai criando a criança sozinho. Glória se mostra muito apegada a figura do pai.

O pai fazia versos. Glória tinha um cofre de madeira cheirosa, com embutidos de prata escura nos cantos, cheio de sonetos e valadas, recortes de jornais e manuscritos amarelados, Versos à morta, versos de saudade e mágoa revoltada e outra espécie de versos também, esses alegres ou comovidos, acompanhando musicalmente a infância da filha, o primeiro sorriso, o primeiro dente, o primeiro passo. (QUEIROZ, 1939, p. 11)

Após a morte do pai a menina foi deixada aos cuidados de um tutor, que a deixou no internato e cuidou de sua fortuna até a maioridade, quando a própria Glória passa a administrar seus bens.

Maria Augusta, a protagonista da história, vem do sertão do Cariri. A mãe morreu quando Guta ainda era nova, algum tempo depois seu pai se casou novamente, mas Guta relata que o grande amor dele era sua mãe. A personagem de Maria Augusta anseia por sua liberdade e independência além de ser muito romântica.

Vindas de contextos extremamente diferentes as três meninas se tornam amigas inseparáveis, se tornam as três marias, apelido dado por uma das irmãs do internato.

Era num estudo da tarde, e enquanto todo mundo lia ou escrevia seus pontos nos cadernos, Maria José, Glória e eu conversávamos segredinhos [...]

Irmã Germana entrou de repente, bateu secamente o sinal:

– Maria José, Maria Augusta, Maria da Glória, por que não fazem silêncio? [...] Essas três vivem juntas, conversando, vadiando, afastadas de todas. São as três Marias! [...] (QUEIROZ, 1939, p. 19)

Maria José, com seus receios amorosos seguiu a vocação religiosa e se tornou professora. Maria da Glória se casou e formou família. E quanto a Maria Augusta, esta que tentou tanto sair de seu sertão acaba retornando para lá.

3. Capítulo II

3.1. A segunda geração modernista.

“Para situar corretamente o Modernismo é preciso pensar na sua correlação com outras séries da vida social brasileira, em especial na sua correlação com o desenvolvimento da economia capitalista em nosso país.” (LAFETÁ, 2000, p. 26)

A década de 30 foi uma época de várias conturbações mundiais. Se iniciando com a crise de 29 nos Estados Unidos, a grande depressão econômica que afetou diversos países, incluindo o Brasil, é considerado o pior e mais longo período de recessão econômica do século XX. Sendo a causa de altas taxas de desemprego, quedas drásticas do P.I.B. e afetando praticamente todo medidor econômico de diversos países, esta situação, que teve início em 29, persistiu ao longo da década de 30. Além desse cenário de crise, o Brasil iniciou a década de 30 com uma revolução que deu fim à Primeira República, e ao final dessa mesma década se tem o início da Segunda Guerra Mundial.

É nesse cenário de “caos” econômico e social que a ideia de “país novo”, com a esperança de progresso, começa a ser substituída pela noção de que o Brasil ainda era um país subdesenvolvido.

Diz ele [Mário Vieira de Mello] que houve alteração marcada de perspectivas, pois até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de “país novo”, que não pudera realizar-se, mas que atribuía a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é noção de “país subdesenvolvido”. Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra. (CANDIDO, 1989, p. 139)

As noções de terra farta e belezas naturais do país passavam a serem substituídas pela consciência da realidade de solos pobres, técnicas arcaicas, a miséria de grande parte da população, além da incultura palpável do país. “A visão que resulta é pessimista quanto ao presente e problemática quanto ao futuro.” (Antônio Candido).

Essa tomada de uma “pré-consciência” do subdesenvolvimento do país, como diz Luís Bueno, é importante para entender não só o romance de 30 como, também, a segunda geração modernista e as implicações em ser ou não uma segunda geração de fato.

Essa diferença de visão dominante do país é elemento central nas diferentes formas de ação privilegiadas pelos modernistas e pelos romancistas de 30. Ora, a idéia de país novo, a ser construído, é plenamente compatível com o tipo de utopia que um projeto de vanguarda artística sempre pressupõe: ambos pensam o presente como ponto de onde se projeta o futuro. Uma consciência nascente de subdesenvolvimento, por sua vez, adia a utopia e mergulha na incompletude do presente, esquadrinhando-o, o que é compatível com o espírito que orientou os romancistas de 30. (BUENO, 2001, p. 66)

Há uma resistência da geração de 30 em relação à de 22. Lafetá consegue traçar um pensamento que harmoniza as duas gerações, quando diz que todo movimento estético tem um projeto estético e ideológico, sendo o modernismo um movimento focado no estético e a geração de 30 no ideológico.

Entretanto, não podemos dizer que haja uma mudança radical no corpo de doutrinas do Modernismo [...]. As duas não sofrem solução de continuidade; apenas, como dissemos atrás, se o projeto estético, a “revolução na literatura”, é predominante da fase heroica, a “literatura na revolução”, o projeto ideológico, é empurrado, por certas condições políticas especiais, para o primeiro plano nos anos 30. (LAFETÁ, 2000, p.19)

Porém, os próprios autores de 30 não veem essa relação, e, portanto, não querem ser vinculados ao movimento de 22.

Qualquer história da avaliação do modernismo feita nos anos 30 apontará uma recusa: partindo de pontos de vista diferentes, quase todos acabam chegando a lugares semelhantes. A esse respeito pode-se dizer, no entanto, aquilo que disse José Paulo Paes sobre a relação entre os modernistas e a geração que os precedeu, a de ser uma “relação conflituosa entre filhos e pai”. (BUENO, 2001, p. 55)

Sendo ou não uma segunda geração, “a literatura de 30 é vista como um alargamento do espírito de 22” que Luís Bueno chama de “talvez um espírito de época” e que levá-lo em conta é “ter que admitir que para a intelectualidade de 30, há uma tensão forte entre dois momentos: modernismo e pós-modernismo”.

Luís Bueno conclui ainda, que a proposição de Lafetá, de que o romance de 30 é o momento da “literatura na revolução” e que o modernismo de 22 é o da “revolução na literatura”, não é errada, porém, não significa necessariamente que configure uma aproximação dos dois períodos, mas que pode também ser entendido como um afastamento de modernistas e pós-modernistas.

3.2. O Romance de 30.

Lançado em 1939, o livro de Rachel de Queiroz vem de uma geração modernista já consolidada. Os romancistas de 30 trazem para suas obras aspectos mais ideológicos, ao contrário dos modernistas de 22 que focam em aspectos estéticos da obra. Tendo a Segunda Guerra Mundial como plano de fundo, além do histórico conflituoso do país nas últimas décadas, o mundo adere a uma realidade pessimista.

As modificações no sistema de produção datam, naturalmente, de muito antes da década de 1920: vêm de antes da Abolição, com o emprego do trabalho assalariado, e passam pelos sucessivos surtos de industrialização, pela política do Encilhamento, pelas várias levas imigratórias, pelas inúmeras agitações operárias do começo do século, tudo caminhando em direção a uma complexidade crescente, tanto da nossa vida econômica, quanto da nossa vida cultural. (LAFETA, 2000, p. 26)

Na prosa, como, por exemplo, a obra em questão, os autores dessa geração trazem um interesse e uma preocupação em incluir a nova ótica do país, política, social e econômica, além de humana. É sob o panorama de modernização do país que os autores deste movimento buscam denunciar, através de sua arte, o Brasil arcaico em que se vivia.

Ela abandona, então, a amenidade e *curiosidade*, pressentindo ou percebendo o que havia de mascaramento no encanto pitoresco, ou no cavalheirismo ornamental, com que antes se abordava o homem rústico. Não é falso dizer que sob este aspecto o romance adquiriu uma força desmistificadora que precede a tomada de consciência dos economistas e políticos. (CANDIDO, 1989, p. 141)

Devido à politização da década de 30 os autores dessa geração preocupam-se mais com os problemas sociais do Brasil, eles tentam revolucionar a realidade do país. É sob essa nova ótica que o povo nordestino ganha protagonismo na literatura do país, uma figura que sempre esteve presente, porém esquecida no Brasil.

É o caso do “romance do Nordeste”, considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista”, no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o País ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura. (CANDIDO, 1989, p. 186)

Apesar de ter acontecido principalmente com o Nordeste, esse tipo de romance regional que ganhou destaque na geração de 30 não foi exclusivo de lá, no Sul também houve um destaque nesse tipo de obra e em outros lugares do Brasil. Além disso, o romance dito intimista ou psicológico também ganhava espaço, Jorge Amado comenta sobre essa divisão da ficção em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras:

São os dois caminhos nosso do romance, nascendo um de Alencar, nascendo outro de Machado, indo um na direção do romance popular e social, outro com uma problemática ligada à vida interior, aos sentimentos e problemas individuais, a angústia e a solidão do homem, sem, no entanto, perder seu caráter brasileiro. (AMADO, 1961)

Ainda sobre essas duas vertentes do Romance de 30, Luís Bueno cita Afrânio Coutinho:

Não é coincidência, então, que Afrânio Coutinho sistematize uma visão global desse tipo sobre o romance no Brasil exatamente quando vai apresentar o capítulo de *A Literatura no Brasil* dedicado ao moderno romance brasileiro. Sua formulação é a de que “há duas formas do humanismo brasileiro” expressas pela literatura de ficção no Brasil em duas correntes, a regionalista, em que o homem aparece em conflito ou tragado pela terra, e psicológica ou de análise de costumes, em que o homem está diante de si mesmo ou de outros homens. (BUENO, 2001, p. 29-30)

O romance de estreia de Rachel de Queiroz foi *O Quinze*, publicado em 1930, o livro trata da seca de 1915. Apesar de ser um livro que trata de questões regionais, ele também traz alguns traços da literatura intimista que se desenvolvia na época, literatura esta que se torna mais evidente ao longo de suas próximas obras.

É engraçado, por exemplo, como nos acostumamos a pensar na autora de *O quinze* como uma escritora regionalista levando em conta apenas o seu romance de estreia – e nem este é somente romance regionalista, diga-se. Embora sempre tocando em temas que

poderiam ser chamados de sociais, seus romances seguintes são mais psicológicos do que qualquer outra coisa, a ponto de um crítico que procurou estudar regionalismo como tendência geral das letras brasileiras afirmar [que] “a conclusão a que se pode facilmente chegar é que qualquer rótulo generalizante aplicado à ficção de Rachel de Queiroz, do tipo ‘romancista regionalista’ ou mesmo ‘romancista social’ constitui um simplismo e uma inexatidão”. (BUENO, 2001, p. 19)

3.3. Rachel de Queiroz e a voz feminina do Romance de 30.

Em uma época que a literatura era ainda dominada por homens, a estreia de Rachel de Queiroz com *O Quinze*, causou estranhamento na comunidade literária, como se pode observar nos depoimentos de Schmidt acerca da obra, em 1930:

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernesticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção – e isso a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro nome.

E Graciliano Ramos em 1937:

O Quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser um livro de mulher e, o que na verdade causava assombro, de mulher nova. Seria realmente mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça:

- Não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado.

Depois conheci *João Miguel* e conheci Rachel de Queiroz, mas ficou-me durante muito tempo a idéia idiota de que ela era homem, tão forte estava em mim o preconceito que excluía as mulheres da literatura. Se a moça fizesse discursos e sonetos, muito bem. Mas escrever *João Miguel* e *O Quinze* não me parecia natural.

É com seu romance intimista que Rachel de Queiroz incorpora a mulher à literatura ao dar o protagonismo as mulheres. Sem ser de fato regionalista, mas combinando o ambiente nordestino e, em suas protagonistas, traços identitários dessa região, a autora permite que a ótica feminina ganhe visibilidade no romance.

A obra de Rachel de Queiroz, como um todo, traz uma construção muito mais complexa que não pode ser reduzida a apenas uma obra regionalista. A autora traz os elementos regionalistas e até sociais, mas numa construção muito voltada ao psicológico. Trazendo protagonistas femininas, as personagens de suas obras são, em sua maioria, mulheres que lutam pela igualdade social, que

buscam a liberdade de pensamento, o poder de decisão, principalmente nas relações afetivas, além de tentarem se afastar da subordinação masculina.

Podem escandalizar-se os sociólogos e toda gente mais: para o século XXI, eu prevejo a vitória social das mulheres. As mulheres deixarão de ser o elemento secundário na sociedade e na família para assumir a vanguarda de todos os atos e de todos os acontecimentos. [...] Como já salientei, tudo indica essa evolução sensacional: as mulheres penetrando em todos os setores da atividade masculina. [...] E eu só queria viver mais 100 anos para ver a reabilitação definitiva das mulheres, tão certo como 3 e 3 são 6. (QUEIROZ, 1940)

No caso da obra *As três Marias*, é possível ver a busca dessa independência feminina na personagem de Maria Augusta, a narradora-protagonista, que está sempre buscando sua liberdade. Iniciando a jornada no internato, neste momento o leitor tem a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a condição feminina de reclusão e submissão que se tem e se ensina no local. Ao passar as férias em casa, Guta descreve toda a experiência como um suplício, pois não era ligada afetivamente a família, além de ter que se portar como uma “mulher do lar”, nas palavras da personagem: “O fim apologético daquilo tudo era preparar em mim a futura mãe de família, boa esposa chocadeira e criadeira” (Rachel de Queiroz).

Ainda buscando sua liberdade, Guta, passa em um concurso de datilógrafa, é neste momento que conquista sua liberdade financeira. No entanto ainda se percebe uma personagem apática, e tediosa com a vida que leva. Sua vida amorosa também só teve agruras, primeiramente com Raul, um homem com quem se relaciona mas que era casado e queria que Guta fosse sua amante, logo após terminar este romance, ela descobre que seu amigo Aluísio estava apaixonado por ela, porém alguns dias depois dela perceber o fato, Aluísio comete suicídio, e finalmente Isaac, um estrangeiro que ela conhece ao passar férias no Rio de Janeiro, mas logo as férias acabam e ela precisa voltar a Fortaleza, onde ela acaba por ter um aborto espontâneo do filho que era de Isaac. E ao final de sua jornada a protagonista acaba voltando para o sertão onde morava.

Vou para o sertão, para casa. Já vai querendo ser noite; o ter corre por entre massas confusas que eu não reconheço, onde entrevejo casas, árvores, talvez a sombra dos serrotes gigantescos. Sinto-me cada vez mais triste, doente e só [...] E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague. (QUEIROZ, 1939, p. 104)

As três Marias traz fortes construções psicológicas femininas, sendo Maria Augusta a principal construção desta obra. Diferente de suas amigas que seguiram os destinos que a sociedade espera de uma mulher, Guta é uma personagem feminina que tem voz, uma mulher à frente de seu tempo que vive sua vida como quer.

Rachel de Queiroz, além de trazer elementos do regionalismo de 30, traz para esta literatura modernista, que busca uma revolução da condição social do país, uma perspectiva feminina ao incorporar em sua obra a visão de como uma mulher é criada e o que se espera de uma mulher socialmente, além criar personagens fortes independentes que almejam para si aquilo que a sociedade da época condenava, não aceitando o serem dominadas pelo poder masculino que regia a sociedade.

Não sendo uma feminista, Rachel criou personagens que se comportam e agem como se fossem feministas: Conceição, Santa, Noemi e Maria Augusta não se submetem às normas sociais nem se deixam dominar pelo poder masculino. As quatro personagens rompem com o modelo tradicional e patriarcal de família e escolhem um modo de vida divergente do que é comumente aceito na sociedade brasileira do início do século XX. (OLIVA, 2013, p. 414)

4. Capítulo III

4.1. O feminino em *As Três Marias*.

Uma característica da modernidade é a ruptura que ela traz, a oposição entre passado e presente. O Brasil da década de 30 passava por essa ruptura, era uma sociedade tradicional e conservadora que estava se adaptando às mudanças do século. Ou seja, este foi um tempo de grandes mudanças, seja na política, economia ou na sociedade, seus valores e papéis pré-definidos.

A obra de Rachel de Queiroz traz a questão do papel da mulher na sociedade. Qual era o papel da mulher na sociedade? Para a época, uma mulher deveria ser dona de casa, cuidar e educar os filhos, enquanto o marido saía para trabalhar e sustentar a família. Os valores sociais eram distintos e muito bem definidos, fazendo com que os papéis de cada um, homens e mulheres, ficassem muito bem marcados.

[...] final do século XIX e início do XX evidencia um conjunto de valores presentes, de forma maciça, em diferentes camadas da população (média e populares); alguns aplicar-se-iam indistintamente ao menino e à menina: “Respeito”, “Obediência”, “Honestidade”, “Trabalho”; mas outros seriam apenas ligados ao contingente feminino: “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação”, “Prendas Domésticas e Habilidade Manuais”. (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 234)

Neste romance a autora coloca em evidência essa situação social da mulher contemporânea da época. A educação que as jovens recebem é de um internato de orientação católica, e a imagem predominante que se tem deste local é a da Virgem Maria, “como a exortar as jovens que por ali transitam a seguirem o modelo de virtude e bondade representado pela santa”. (Jorge Marques)

Nessa primeira metade do romance, que relata os anos iniciais da educação de Guta, é apresentado ao leitor a união de escola e religião na criação de moças bem-educadas e prendadas. Além disso se vê na própria escola a divisão sociocultural, onde de um lado ficavam as meninas pensionistas (moças de família burguesa) e de outro as órfãs (comumente moças pobres) e no centro as freiras, de onde poderiam observar todas as meninas.

O ambiente em que as moças vivem é de clausura, acontecem assim breves momentos de tentativa de liberdade, que acabam se tornando escândalos e vergonha, como o episódio de uma menina que foge com um rapaz, e é logo classificada como “besta” para as demais colegas.

Uma pesquisa feita com idosos e idosas que passaram a infância no final do século XIX e início do XX, por Zélia Maria Mendes Biasoli-Alves, mostra que:

[...] o processo de socialização empregado pelos adultos, para estabelecer o controle sobre o comportamento, imprime, desde cedo, na menina, a auto-restrição. Fatores essenciais estão presentes numa prática que gera, além de disposição para obedecer, um conhecimento claro do que é certo e do que é errado, bem como a capacidade de se auto conter. Primeiramente, a existência de laços estreitos entre adultos significativos e a criança. Segundo, um “vigiar” constante que permite poucas oportunidades para a quebra de regras. Terceiro, existem punições severas para tudo o que é considerado “indesejável”, incluindo-se os excessos de “surras e cascudos”. Contudo, o controle sobre a menina é exercido, mais frequentemente, por meio de:

1. Ameaças retiradas de afeto. Ex.: *Você age assim e ninguém gosta...* [...]
2. Ameaças de abandono e solidão. Ex.: *Moça assim não casa...* [...]
3. Castigo dos Céus. Ex.: *Nossa Senhora está olhando para você e está triste...* [...]
4. Remorço. Ex.: *Quando eu morrer, você vai ver a falta que vou fazer... e aí vai ser tarde demais...* [...]
5. Culpa. *Eu só quero o seu bem... o seu pai também... o que você está fazendo é uma ingratidão...* [...]

A mulher da época, como retratado em *As Três Marias*, vivia em constante clausura e a auto restrição era algo constante em suas vidas. Maria Augusta,

Maria José e Maria da Glória, além de todas as moças do internato, viviam sob tais regras, a restrição acontecia desde pequenas coisas como não poder usar uma saia curta por ser considerado imoral, até não ter contato com o mundo fora dos muros da escola, ou seja, eram moças que socializavam apenas entre si. Essa restrição era algo que se adquiria quando meninas e levavam para suas vidas fora dos muros da escola.

Quanto a mim, a minha vaidade era mostrar as pernas. Tinha horror às saias compridas do uniforme, vivia dobrando secretamente os embainhados, sem me importar com os protestos de Maria José e Glória, que me chamavam de imoral, A saia curta parece que me tornava uma menina de fora, elegante, com a mãe escolhendo os vestidos. (QUEIROZ, 1939, p. 21)

Em seu livro, Rachel de Queiroz, retrata os possíveis destinos que a sociedade patriarcal considerava aceitáveis para uma mulher, isto acontece através das histórias de Maria José e Maria da Glória.

A primeira, Maria José, desde cedo demonstra uma personalidade mais religiosa, começa a trabalhar como professora em uma escola rural, mas sua grande paixão é a religião.

Junto à sua cama, Maria José tinha um genuflexório e no alto uma cantoneira um Cristo e uma Nossa Senhora de gesso; a um lado, a mesinha cheia de livros da escola e de cadernos por corrigir, o véu, o manual grosso de ir à missa. Por cima da cantoneira um quadro negron que ela pintara no colégio. (QUEIROZ, 1939, p. 45)

É possível ver que a “vida mundana” em alguns momentos se torna atrativa para ela, talvez por pura curiosidade já que ela não se relacionou com homem algum, e, por vezes, vive sua repressão através das amigas, como no momento em que Glória arranhou um namorado na escola, ou até quando Raul pede para que Guta pose nua para uma de suas pinturas e Maria José incentiva.

Maria José, pura e curiosa, evoluía no meio daquela gente despida e rósea, sem pudor, sem receios. Não era a arte coisa sagrada? O Vaticano não estava cheio de estátuas nuas? [...]

Quando Aluísio nos deixou, avancei de dentes trincados para Maria José. Ela mesma não me tinha contado a vida indecente de Raul, as bebedeiras, a farra eterna? [...]

Maria José, entretanto, seduzida pelo que vira, muito cândida, talvez, para ter percebido alguma coisa, não se importou com as minhas recriminações. (QUEIROZ, 1939, p. 51-53)

A segunda, Maria da Glória, era uma órfã, que não teve o destino das demais órfãs – na época era bem comum que meninas órfãs fossem criadas para serem serviçais e não esposas – pois seu pai lhe deixara um tutor e muito

dinheiro para garantir seu futuro. Foi a primeira a ter um namorado ainda na escola, o rapaz era da escola de música que ela estava frequentando pois participaria de um concerto.

Ele começou a namorar Glória, logo que entendeu os olhos com que ela o olhava, e foi como se nos namorasse a todas, porque todas três começamos a amá-lo, embora Maria José e u nunca o tivéssemos visto. [...] Um dia, afinal, deu-se o concerto [...] e aí o sonho acabou. (QUEIROZ, 1939, p. 32-33)

E a única das três marias que casou:

Foi por esse tempo que Glória noivou? Creio que sim. Fez-me a comunicação numa cartinha lírica, muito diferente do que se poderia esperar da alma enérgica e quase áspera de Glória. Falava no “noivinho”, um bacharel do interior (de Quixeramobim, onde a superiora a mandara passar as férias), moço benquisto e amável. [...]

Glória reinava magnificamente, sempre no primeiro papel, agora era feliz como nos tempos escuros da tragédia, vivia a sua hora de amor com o mesmo fervor apaixonado e incansável com que vivera o drama; e parecia que o noivo lhe tomara todo o lugar ocupado antes pela sepultura do pai. (QUEIROZ, 1939, p. 47-48)

Já a história de Maria Augusta é marcada pela modernidade, a personagem é a ruptura do passado com o presente, Guta opta por uma vida independente e passa a viver sozinha e se sustentar, escolhe não ser submissa, seja a uma figura religiosa, paterna ou a um marido.

Guta, desde o início, se mostra a mais diferente de suas amigas, uma menina mais sonhadora que cria expectativas a mais para sua vida.

Das três, era Maria José a que mais fazia promessas. Glória, orgulhosa, não pedia nada aos santos, estudava, estudava, aprendia tudo. Eu, que pouco estudava antes, sempre perdia tempo pensando e sonhando coisas. Só na véspera dos exames me agarrava com os pontos, febril, afobada, presa de uma aflição de última hora, correndo a pedir medalhas emprestadas às irmãs. (QUEIROZ, 1939, p. 23-24)

E em diversos aspectos ela acaba conquistando essa “vida diferente” pela qual anseia, como se livrar das “amarras” da família ao conseguir um emprego e se mudar da casa do pai, indo morar com a amiga Maria José, ela acaba tendo a independência que queria e desvencilhando da obrigação de dona de casa que queriam que ela se tornasse.

Ao mesmo tempo que anseia por libertar-se dos papéis pré-definidos pela sociedade, Maria Augusta, ainda se vê presa a eles, de uma forma talvez deturpada, devido a sua vontade de se desvencilhar do que lhe foi ensinado. Ela queria e sonhava com um amor, assim como sua amiga Glória conquistou, mas também reconhecia que não servia para esse tipo de vida.

Eu era namorada, mas arisca, e não sabia coordenar pretendentes. Dispersava-me pelos namoros de bonde, simples olhares, sorrisos, palavras rápidas. [...]

O que eu invejava era a oportunidade de amar, era aquele tranquilo direito de posse que Glória se arrogava sobre um homem, sobre um vivente, e a alegre submissão dele, a felicidade que parecia sentir em ficar calado [...]. Desejei amar um homem excepcional, diferente de todos [...]

Mas cheguei a um ponto que não me podia imaginar amando a um homem senão como enfermeira, abraçando-o e amparando-o, ao mesmo tempo dando-me toda em paga de vista, do braço ou da perna perdida. Parecia que o meu instinto maternal, ainda impreciso, carecia encontrar de qualquer modo uma fraqueza para proteger. (QUEIROZ, 1939, p. 48-49)

Até encontrar Isaac, um homem por quem se apaixonou e com quem tem sua primeira relação sexual. Isaac não faz planos de um futuro com Maria Augusta, porém ela, que está apaixonada, o faz. Não apenas isso, como também se entrega a um homem que queria apenas “gozá-la”.

Quando me tomou, não pediu nada, foi acompanhando gradualmente o seu desejo, levando-me a compartilhar dele, sorrindo do meu susto e dos meus recuos, obstinado, suave e inflexível.

Mais que a dor física, ficou-me dessa primeira entrega uma sensação de medo e secreta humilhação; aquele gozo, que ele tirava de mim, era tão-só dele, tão separado de mim, diminuía-me tanto! Eu não ressentia nada do misterioso prazer cuja aproximação o fizera arquejar como se sofresse, e depois o deixara sonolento e quieto, atirado na areia, numa espécie de inconsciência feliz, com o rosto encostado ao meu colo.

Eu estava lúcida, lúcida e magoada, extraordinariamente triste e medrosa. (QUEIROZ, 1939, p. 91)

Mesmo não se sentindo bem com o ato, e ainda mais devido, principalmente, a insegurança de ter um filho, Maria Augusta, em momento algum, se coloca em primeiro lugar. Então, mesmo sendo diferente de suas contemporâneas, há ainda, na personagem, momentos em que ela se rende a essa submissão tão imposta socialmente.

Nessa obra, temos três personagens distintas, com três personalidades distintas, primeiramente Maria José que resolve não ter uma vida amorosa e se dedicar apenas à religião, depois Maria da Glória que dedica a sua vida à sua família, uma submissa à religião e a outra à família. E, finalmente, Maria Augusta que apesar de viver em contradição consegue ser mais “liberta” que as outras.

A temática feminina que Rachel traz em seu livro é vanguardista, em um mundo que mulheres eram extremamente restritas a viverem em função de suas famílias, ela nos apresenta Maria Augusta, uma mulher que, apesar de nem

sempre conseguir, decide se livrar das amarras que a sociedade de 30 lhe impunha. Guta não só representa a ruptura que a modernidade buscava, mas principalmente, aquele limbo em que se encontrava a mulher moderna em relação ao que a sociedade espera dela e o que ela quer para si.

4.2. Maria Augusta, mulher contemporânea.

As mudanças sociais, em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira, começaram bem antes da década de 30, porém foi só ao final do século XX e, principalmente, no século XXI que as mudanças se tornaram mais evidentes, isto ocorre devido a globalização.

O mundo virou de cabeça para baixo. Esse tem sido o refrão familiar no período pós-moderno. Afinado no mesmo tom, Giddens declara (2000:5.) “para o bem ou para o mal, somos impelidos rumo a uma nova ordem global que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós: a globalização”. (VIEIRA, 2005, p. 208)

Constância Lima Duarte, em *Feminismo e Literatura no Brasil*, divide o feminismo e, portanto, as conquistas femininas em quatro tempos principais, os quais ela nomeia de ondas. Estes momentos, para a autora, são os mais marcantes na conquista de direitos femininos.

As décadas em que esses momentos-ondas teriam obtido maior visibilidade, na minha avaliação, ou seja, em que estiveram mais próximos da concretização de suas bandeiras, seriam em torno de 1830, 1870, 1920 e 1970. Foram necessários, portanto, cerca de cinquenta anos entre uma e outra, com certeza ocupados por um sem número de pequenas movimentações de mulheres, para permitir que as forças se somassem e mais uma vez fossem capazes de romper as barreiras da intolerância, e abrir novos espaços. (DUARTE, 2003, p. 152)

A primeira onda se refere a conquista do direito de ler e escrever, direito este que até o momento era concedido apenas aos homens. A segunda onda, se trata de alguns jornais e revistas que ganhavam feições feministas, isto é, algumas poucas mulheres conseguem ocupar alguns espaços e tentam atrair o olhar para as questões femininas, além de ser uma preparação do que estaria por vir no terceiro momento que ela denomina de direito à cidadania. “O século XX já inicia com uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam alto pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias” (Constância Lima Duarte), é nessa terceira onda que se insere Rachel de Queiroz e sua obra.

É na década de 70 e 80 que se tem o desenvolvimento da quarta onda, que Duarte descreve como “a mais exuberante, a que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e tornar as reivindicações mais ousadas em algo normal”.

A maior escolarização e profissionalização da mulher acarretaram em um contato social mais amplo e constante; como consequência, o questionamento se intensificou e atingiu muitas áreas. Os seus efeitos estão presentes até hoje. Isto significa existir um descontentamento com o passado, uma análise depreciativa de como as mulheres eram criadas da sua submissão, dos limites estreitos impostos ao seu movimento dentro dos grupos sociais e às possibilidades de escolha profissional. Todos esses aspectos aparecem na discussão, quer de grupos feministas quer de outros que passam a enfatizar o excesso de trabalho que recai sobre a mulher que, agora, mantém atividades fora do lar, mas ainda é a responsável pelo bom andamento da casa, dos filhos e do bem-estar do marido. (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 237)

A ditadura militar do Brasil, nessa década, já estava instaurada e se encontrava em seu fim, e foi nesse momento que o movimento feminista do país se consolidou, seja por mulheres que voltavam do exílio da ditadura ou pela afirmação na academia das que permaneceram.

Enquanto nos outros países as mulheres estavam unidas contra a discriminação do sexo e pela igualdade de direitos, no Brasil o movimento feminista teve marcas distintas e definitivas, pois a conjuntura histórica impôs que elas se posicionassem também contra a ditadura militar e a censura, pela redemocratização do país, pela anistia e por melhores condições do país. (DUARTE, 2003, p. 165)

As discussões dos espaços femininos se iniciaram no século XX, porém as reais mudanças foram acontecer apenas no final do século, ganhando continuidade com as mulheres do século XXI. As mudanças eram visíveis, seja na educação – onde as mulheres conquistaram o direito não só de ler e escrever, mas também de terem seu espaço nas universidades –, ou no âmbito profissional – agora a realidade de trabalho era diferente, as mulheres não eram apenas donas de casa, mas ocupavam cargos em diversas áreas, iniciada com trabalhos considerados femininos como o de professora, secretária, até mais à frente conquistando cargos considerados masculinos, como na política – e com todas as mudanças a realidade familiar também mudou.

Os movimentos sociais da década de 60, como o feminismo, a liberação do divórcio, o surgimento da AIDS, também contribuíram substancialmente para importantes mudanças nas estruturas familiares. Gomes (1998, 2000), em seu trabalho de análise da dinâmica do casal ante o surgimento no estabelecimento dos papéis do homem e da mulher nos casamentos atuais. O homem se torna frágil perante uma sociedade competitiva e estressante, na qual vai se lhe tornando cada vez mais difícil desempenhar o papel de provedor

da família, e não somente pela disputa da mulher no espaço externo ao lar. A mulher entre em sérios conflitos na escolha entre maternidade/ascensão profissional, o que permite, hoje, o estabelecimento de casamentos sem filhos, por opção pessoal [...] (GOMES e PAIVA, 2003, p. 5)

Para a mulher pós-moderna, a realidade do casamento já não é uma prioridade, a de filhos também não, agora é possível escolher entre casar ou não casar, ser ou não mãe. Outra grande discussão da questão feminina que ganhou muita força no século XXI foi o poder das mulheres sobre seus corpos, sua sexualidade e prazer. “Nosso corpo nos pertence’ era o grande mote [...]” (Duarte, 2003). É nesse momento que as políticas públicas passam a considerar como integrantes de si o planejamento familiar e controle de natalidade, além da tecnologia anticoncepcional que permite a mulher desvincular o sexo de maternidade, amor e compromisso.

Frente às questões sexuais do passado, a repressão e a anulação da mulher foram substituídas pela liberação e pela independência dos dias atuais. Assim, a mulher contemporânea, com base em novas redes de poder, impõe-se na sociedade em diversas áreas, inclusive sexual, tendo espaço para preferências e vontade em assuntos que antes não podiam sequer ser mencionados em discurso privado, quanto mais ser objeto de discurso público. (VIEIRA, 2005, p. 220)

A mulher do século XXI já não tem mais um papel pré-definido pela sociedade, pelo menos não totalmente e rigorosamente como no século XX e antes, a mulher pós-moderna conquistou e continua conquistando sua emancipação, e hoje, em alguns aspectos, tem tanto ou mais “poder” que os homens. Através do tempo, a mulher conquistou sua liberdade na educação, tomando, com isso, poder sobre seu futuro educacional, conseguiu o direito a uma vida profissional além da possibilidade de dedicar sua via a sua carreira e não a uma família.

Ao afirmar que Rachel de Queiroz foi vanguardista em sua obra, pode se afirmar também que Maria Augusta é uma mulher contemporânea.

A obra – e a vida – de Rachel de Queiroz figuram como índices precisos, espécie de marcos ou emblemas do processo de emancipação social da mulher brasileira no século XX. Esta poderia ser apenas mais uma surrada frase de efeito, caso o Brasil não fosse um país onde boa parte das mulheres, dos negros, dos índios e dos pobres em geral convive com a ausência dos requisitos mínimos para o exercício da cidadania, e onde se constata facilmente que esse processo de emancipação ainda está longe de se concluir. O fato de a maioria social da mulher – e de todos os excluídos – ser entre os brasileiros pouco menos que uma utopia dá à obra de Rachel de Queiroz, e também à sua vida, o preciso relevo de fenômeno cuja

caminhada teve seus passos acertados com o relógio da História.
(DUARTE, 2003, p. 164)

A obra *As Três Marias* traz diversas questões femininas e feministas, como a problemática da educação feminina ser voltada para o lar, a emancipação da mulher, o poder da mulher sobre seu corpo ao desvincular sexo de casamento. Na literatura, Rachel de Queiroz, contribuiu para que essa “quarta onda” do direito feminino acontecesse, ao criar uma personagem como Maria Augusta que mesmo em suas contradições, passa sua vida atrás de sua independência, a autora, traz o olhar feminino que precisava entrar em foco, criando assim personagens para além de seu tempo e, portanto, contemporâneas.

5. Considerações Finais

Ao analisar a fundo a obra de Rachel de Queiroz, é possível perceber que a sociedade brasileira é patriarcal, onde a mulher não tem o seu espaço e se resume a ser esposa ou mãe, ou seja, a mulher nunca apenas é, ao contrário, ela é para o outro.

Apesar das mulheres terem conquistado alguns direitos a sociedade de 30 ainda era dominada por homens. Mesmo com direitos a relação que existia de poder e dominação do homem sobre a mulher era presente, isso é observado na questão do trabalho, em que, a mulher podia trabalhar fora de casa, porém os empregos nunca eram em cargos de chefia, configurando assim a dominação masculina em todas as esferas da vida da mulher.

Essa dominação muda bastante ao final do século XX, e se estende ao século XXI, essa nova geração de mulheres passam a tomar o poder para si, deixando de serem reduzidas ao seu papel de maternal, de cuidar do outro e se anular.

Esta geração [do século XXI] recebeu o apelido de *superwoman*, pois as mulheres se apresentam emancipadas, responsáveis pelo seu próprio “destino”, no que diz respeito à independência financeira, que acaba por ocupar o maior tempo de suas vidas. (MESTRE, 2004, p. 167)

Essa característica vanguardista é muito perceptível na personagem de Rachel de Queiroz, há uma compreensível contradição, afinal ela foi criada na submissão, mas almeja a liberdade. É nessa característica contraditória que se encontra o pontapé inicial para que a mulher de 30 passe a refletir o papel que exerce na sociedade e reivindicar seus direitos e espaço como mulher na sociedade.

A mulher moderna se adaptou a essa nova realidade global, de participação social e econômica ativa, e assim abandona a condição de filha, esposa, mãe, mulher obediente e submissa para ocupar o seu espaço de direito na sociedade, direitos esses que mesmo conquistados se apresentam com algumas falhas.

Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, a ela cabe realizar todas as tarefas domésticas, isto é, os afazeres domésticos que são considerados “coisas de mulher”, pois o homem raramente se dispõe a ajudar para tornar menos cansativa à vida de sua companheira. (SAFFIOTI, 1991, p. 50)

As conquistas femininas são inegáveis, a mobilização das mulheres em busca de seus direitos, o movimento chamado feminismo, tornou isso evidente. Mas além disso escancarou as repressões que, mesmo atualmente, as mulheres

sofrem. Torna perceptível para a sociedade que mesmo tendo conquistado direitos os homens continuam negando a nova condição de poder da mulher.

Segundo dados do censo demográfico de 2010 divulgados pelo IBGE, a população feminina, no Brasil, constitui a maioria populacional do país, ou seja, as questões femininas são pautas que afetam a maior parte da população e precisam ser trazidas para as discussões sociais.

Portanto, a mulher moderna conquistou muitos direitos, estes que em épocas anteriores não eram nem sonhados por mulheres que se resignavam a sua subordinação, porém seus direitos continuam sendo diminuídos e/ou ignorados pela sociedade patriarcal brasileira, trazendo como consequência uma não igualdade de uma maior parte da população (mulheres) em relação a uma menor (homens).

6. Referências Bibliográficas

- ABREU, L. R. de. **O texto queiroziano e seu percurso crítico**. Em Tese; v.18, n. 1. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- ABREU, L. R. **Representações da mulher na obra de Rachel de Queiroz**. Belo Horizonte, 2016.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX**. Universidade de São Paulo, Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 16, n.3, set./dez. 2000.
- BUENO, L. **Nação, nações: os modernistas e a geração de 30**. Via Atlântica, n. 7, out. 2004.
- CAMARGO, L. G. B. de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Campinas, SP, 2001.
- CAMPOS, A. S. L. **As três Marias, de Rachel de Queiroz: literatura e subjetividade**. III Colóquio e I Encontro Nacional Mulheres em Letras – “Escritoras de ontem e de hoje”, UFMG, maior 2011.
- CANDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. Editora Ática S.A., 1989.
- COURTEAU, J. **A Feminização do discurso nacional na obra de Rachel de Queiroz**. American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, vol. 84, n. 4, dez. 2001.
- DUARTE, C. L. **Feminismo e literatura no Brasil**. Estudos Avançados 17 (49), 2003.
- LAFETÁ, J.L. **1930: A crítica e o modernismo**. Ed. 2. São Paulo: Duas Cidades. Editora 34, 2000.
- MARQUES, J. **Condição feminina e confinamento em As Três Marias, de Rachel de Queiroz**. UFRJ, Diadorim: revista estudos linguísticos e literários; v. 7, 2010.
- MESTRE, M. B. A. **Mulheres do século XX: memórias de trajetória de vida, suas representações (1936-2000)**. Curitiba, 2014.
- OLIVA, O. P. **Rachel de Queiroz e o romance de 30: ressonâncias do socialismo e do feminismo**. Cadernos pagu (34), jul./dez. 2014, p.385-415.
- QUEIROZ, R. de. **As Três Marias**. Ed. 26. Editora José Olympio, 2015.
- SCHIMIDT, R. T. **Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3):272, set./dez. 2007.

SOUZA, P. A. de. **Marias de Rachel de Queiroz: percursos femininos em *O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina***. Goiânia, 2008.

TAMARU, A. H. **A construção literária da mulher nordestina em Rachel de Queiroz**. Campinas, SP, 2004.

TORRES, L. **Imagens da mulher em *O Quinze* e *As Três Marias* de Rachel de Queiroz: autonomia x frustração**. Anais do V Seminário dos Alunos dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras, Estudos de Literatura, UFF, n. 1, 2014.